

A LUCIDEZ DO IRRECONHECÍVEL: TENACIDADES MORTÍFERAS EM AUGUSTO DOS ANJOS

OLIVEIRA, Rayssa Kelly Santos de¹
SANTOS, Ivanildo da Silva²
BORBA, Lucas Leite³

Resumo: Em busca da compreensão de si e de suas origens o ser humano é confrontado, amiúde, com o outro lado de uma mesma face. A inscrição de um *outro* como algo estranho a si, por vezes, o coloca frente a um estado de desânimo que, não raro, nega o regresso, apossando-se, assim, de seu espírito. A presença do irreconhecível, incorporado em seu íntimo, reforça a ausência de um Eu-ideal e compreende a perene e infortuna busca por uma representação no mundo, tracejando esse sujeito a uma condição melancólica. Destarte, enveredar-nos-emos sobre a poética de Augusto dos Anjos, mormente, ao poema “Sonho de um Monista” que revela, em seu discurso, sensações de apagamento, morte, logicidade e vazio, desviando o eu-lírico da anunciação. Dessa forma, a literatura apresenta-se como amparo a teoria psicanalítica no que concerne à melancolia, com a proposta de evidenciá-la. Nos debruçaremos, dessa maneira, no arcabouço conceitual de Freud (1917[1915]) e Lambotte(1997), os quais contribuirão para o desenvolvimento dos elementos refletidos na pesquisa em questão.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Augusto dos Anjos.

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A literatura expressa, em seus territórios, fatos que se assemelham a realidade e ao espaço social. Ela é capaz de explorar o imaginário e o racional, incentivando o leitor a exprimir-se e colocar-se frente ao *outro*. Um meio do qual a fantasia e a veracidade estão interligadas quebram-se e constroem-se, desta forma, paradigmas.

Nessa perspectiva, a capacidade de retratar a história, em sua mais vasta ordem, estendendo-se a temas que vão de costumes, perpassam as normas, submissões e opressões, e adentram a cultura e o social, faz com que seus leitores – e também escritores – tenham discernimento acerca dos sujeitos que estão à margem da sociedade, os ditos ilegítimos e desiguais, os *esquecidos e silenciados*, que são representados dentro de uma obra, portanto, articulando uma linguagem que adentra as práticas sociais.

A psicanálise, por outro lado, transcende seu tempo, seus escritores, torna-se, assim, sempre atual como a literatura. Por essa razão, compreende-se que “literatura e psicanálise “lêem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico”. (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 13).

Como exemplo da influência literária que habitava os traços do autor vienense, dispomos do *Complexo de Édipo* – Conceito fundamental da psicanálise – motivado pela peça teatral grega de Sófocles, da qual retrata o mito de Édipo Rei. Para Freud (apud SOUZA, 1999) “os poetas e os romancistas são aliados preciosos, e o seu testemunho merece a mais alta consideração, porque eles conhecem, entre o céu e a terra, muitas coisas que a nossa sabedoria escolar nem sequer sonha ainda. São, no conhecimento da alma, nossos mestres, que somos homens vulgares, pois bebem de fontes que não se tornaram ainda acessíveis à ciência. ”

Com esse ensejo é que nos debruçamos sobre a obra de Augusto dos Anjos, em máxima, a *Sonho de um Monista*. O entrelaço dos dizeres do Eu-lírico ao tema da morte nos faz enxergar as nuances melancólicas que permeiam durante todo o poema. Para tanto, iremos utilizar o arcabouço teórico de Marie-Claude Lambotte como suporte as tenacidades da melancolia, em que aflige e conforta o sujeito em seu mais acolhedor vazio, levando o leitor a mais desmedida insânia no prelúdio, para fazê-lo defrontar-se no intermédio e, finalmente, (re)conhecer a verossimilhança no contrastante epílogo. As figurações da morte são promessas constante nos escritos

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

do autor e são pertinentes a densas reflexões, levando o *amante da literatura* a deleitar-se na angústia Augustiana.

2. DESENVOLVIMENTO

Expressar-se acerca da literatura é uma incumbência hermética e um tanto quanto enigmática, visto que seus cenários são palco do extremo místico representativo. É possível elucidar seus escritos a uma realidade presente, contudo, o entrelaçamento se faz, tão qual, oposto, concebendo que o sujeito leitor percorra distintos universos e questione o papel de uma sociedade que dissemina copiosas diretrizes. Segundo Cândido (2006):

(...) só podemos entender a *literatura* fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p.13-14, grifo nosso).

O autor nos faz refletir em torno de um social externo que implica, de forma interligada, na construção de esferas internas, dessa forma, a literatura passa a fazer parte de um elemento sócio-histórico da sociedade. Pois, “em suma, é só com alguma coisa como literatura que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental”. (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 12).

Ao versarmos a respeito da sociedade e desse *outro* o qual a literatura abarca, atentamo-nos, similarmente, à psicanálise. Teoria esta desenvolvida por Sigmund Freud (1856 – 1939) através da revolucionária descoberta do inconsciente no século XX, considerando assim, as investigações dos processos mentais.

Freud salientou que as razões que estabelecem as nossas posturas, atos ou maneiras de agir são, de certa forma, obscuras ao conhecimento de nós mesmos. Para Nasio (1999), a psicanálise

Ocupa-se de coisas simples, sumamente simples, que são também imensamente complexas. Ocupa-se do amor e do ódio,

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

do desejo e da lei, dos sofrimentos e do prazer, de nossos atos de fala, nossos sonhos e nossas fantasias. A psicanálise ocupa-se das coisas simples e complexas, mas eternamente atuais. (NASIO, 1999, p. 11).

Freud desfruta o título de precursor do elo que interliga a literatura e a psicanálise, visto que se inspirava e enveredava-se nas leituras de autores consagrados como Shakespeare, Dostoievsky, Wilde, Goethe, Flaubert, Sófocles, dentre outros desde os primórdios de seus estudos na Áustria. Esse interesse literário refletiu na forma em que compunha seus escritos psicanalíticos, pois, a atuação e a representação que os escritores puderam – e podem – causar com seus textos foram – e são – referência para o desenvolvimento e entendimento de vastos campos de estudos.

Diante disso, compreende-se que, assim como a estrutura psíquica não é formada por uma única unidade, a literatura também não possui um único sentido interpretativo. O texto literário é fortuito, singular e as palavras que se desenham neste não são passíveis de um discurso arbitrário, são representativas e permeiam um profundo conhecimento de mundo.

Na psicanálise, compreendemos o sentido de sexualidade, desejo consciente e inconsciente, pulsões, fantasias, mecanismos de defesa, desenvolvimento do recalque, entre outros elementos que constituem a psique do Ser e são estes (indivíduos) formados por essas relações e interações, que escrevem poemas, narrativas, poesias, romances e todo o arcabouço que deciframos e nos deleitamos ao ler, descritos de forma evidente, em obras inquietantes. Bellemin-Noël (1979), nesse ensejo, nos revela que:

As palavras de todos os dias reunidas de uma certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta. Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência de alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribuiu consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

tentados a aproximá-las e até confundi-las. (BELLEMIN-NOËL, 1979, p. 13).

Nesse momento, observamos fundamentalmente o refutável diálogo entre a dita arte e a ciência, contornadas pela subjetividade, em que a ciência se dedica a absorver o particular de cada personagem, compreendendo amores, conflitos, inquietudes, buscas, prazeres e paixões, envolventes em cada palavra artística, descrita em um todo e personificada em mentes que questionam a vida, o público e o privado e, sobretudo, a si mesmo.

Embora Freud não tenha dedicado seus estudos, de cunho privilegiado, à mulher – E que seus textos referentes ao feminino tenham sido alvo de polêmicas, a exemplo de “*Estudos sobre a Histeria*” (1985) em que o autor revela os casos clínicos, buscando compreender, junto a Breuer, o psiquismo as ditas histéricas – foram de ordem essencial para desenvolvimentos póstumas de análise (ou modelo), até mesmo, de personagens femininas esboçadas tanto por escritores como escritoras ao longo dos anos.

Em “*A dissolução do complexo de Édipo*” (1976), o autor nos revela que a castração ocorre desde a infância, diferenciando, de forma anatômica, meninos e meninas. Referencia a simbologia do falo, a *inveja falocêntrica*, para relatar que as meninas – como também os meninos – têm um objeto de amor inicial: O parental.

Contudo, diferentemente dos meninos (dos quais abandonariam o objeto de desejo por *medo* da castração, ou seja, de perder o pênis, devido a uma relevância narcísica), as meninas, ao alcançar o complexo de Édipo, já estariam castradas, visto que acreditariam ter possuído um pênis e em algum momento tê-lo perdido. Ao tomar ciência dessa perda, assemelhariam o pênis – simbolicamente – a um bebê. Com ensejo nesse entendimento, desejariam tê-lo (um bebê) com a figura paterna. Não consumado esse desejo, as meninas o recalcariam no inconsciente e acatariam a ausência. Para Freud (1924):

O clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que ‘se saiu mal’ e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade. Por algum tempo ainda, consola-se com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha,

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino. Aqui, o complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. Ela parece não estender essa inferência de si própria para outras mulheres adultas, e sim, inteiramente segundo as linhas da fase fálica, encará-las como possuindo grandes e completos órgãos genitais - isto é, masculinos. Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência. (FREUD, 1924, p. 222-223).

Em “*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica sobre os sexos*” (1976) o psicanalista já nos revela outros fundamentos ao que concerne ao feminino. Trazendo a mãe na qualidade de primeiro objeto de desejo do bebê, o complexo de masculinidade e o modelo de castração para este, assim como, enfatizando o ciúme e o masoquismo como característica feminina. De acordo com Freud (1925):

Enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destituído pelo complexo de castração, nas meninas ele faz possível e é introduzido através do complexo de castração. (FREUD, 1925. p. 285).

Manifestar-se sobre o psiquismo humano, mormente, o feminino é uma questão complexa que nos leva, indubitavelmente, a adentrar nos questionamentos lacanianos – em que este diferencia-se do modelo freudiano – dos quais contestam a simbologia fálica, enfatizando o gozo e a linguagem. Patrasso e Grant (2007) retomam Lacan (1972-73/1985):

Lacan (1972-73/1985) nos diz: "A mulher não existe". Percebam que em % mulher o A é barrado, isto é, o que não existe é uma "A mulher... toda", não existe um conjunto fechado de mulheres. Ocorre que a sexualização é uma resultante da função fálica: operador fundamental que nos humaniza a partir do momento em que nos mergulha no mundo da linguagem, em que nos abre a possibilidade de estabelecermos laços sociais. Ocorre que a mulher, diferentemente do homem, é não toda submetida à função da castração, é não toda marcada pelo gozo fálico. Dito de outro modo: a mulher é um ser de linguagem, pois a função fálica operou; de outro lado, pelo fato de a mulher ser não toda submetida à operação da castração, resta um real impossível de

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

ser capturado pelas palavras, resta um Outro gozo marcando a especificidade de cada mulher – sua maneira de ser pura exceção. Como há exceção, não é possível formar um conjunto fechado de "A mulher". Temos, portanto, que as mulheres só existem uma a uma. (LACAN, 1975 APUD PATRASSO; GRANT, 2007, p. 135).

Entende-se, com isso, o enfoque na subjetividade feminina, ou seja, a não *submissão* da mulher ao falo, como um todo. Distinguindo-as, assim, do massivo anseio em abarrotar um vazio psíquico feminino imposto culturalmente, em que apresenta *a mulher* como o todo e não como *uma mulher* em sua particularidade. Lacan acorda que homens e mulheres, - em sua subjetividade – são demarcados pelo gozo, sendo este de caráter falocêntrico ou não completamente falocêntrico, da mesma forma que, nem todas as mulheres são marcadas pela castração.

Isto posto, nos indagamos, expressivamente, a respeito de como podemos nos manifestar, articular ou ainda dialogar acerca do feminino, visto que os pressupostos que giram em torno do tema são divergentes e, por vezes, carregados de inquietude e interpretações diversas, estendendo-se, em ordem fundamental, à literatura. Como podemos, a partir dessas conjecturas, analisar, ou ainda, interpretar as personagens literárias femininas nas obras?

A literatura é uma esfera onde um ponto de realidade persiste em exhibir-se e encontra-se presente em grande parte das linhas, oferecendo-nos à capacidade de compreender que há mais que o apenas lido, há algo inconsciente, pois " é uma sutil economia da arte do poeta o fato de ele não deixar que seu herói exprima de forma aberta e integral todos os segredos de sua motivação " (FREUD, [1916], p. 195).

Ao rememorarmos personagens literárias femininas através das épocas, a modelo de Emma Bovary, de Flaubert, Catherine Earnshaw, de Brontë, Elizabeth Bennet, de Austen, dentre tantas outras mulheres descritas em obras que englobam séculos, podemos observar fortes traços do desenvolvimento inconsciente, tal qual, o destino destas (personagens) ao desenrolar das obras.

Em Bovary, por exemplo, encontramos linhas marcantes de histeria e melancolia. Emma nos exhibe um modelo clássico de um sujeito liberto aos preceitos impostos por uma instituição da qual lhe oferta regalias e momentânea satisfação, todavia enclausurado em si. Earnshaw, por outro lado, se mostra um indivíduo

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

envolvido por seus medos, anseios, temores e traições. Utiliza-se de dois mecanismos de defesa para enfrentar seus conflitos exacerbados. Um deles é a negação, em que a jovem apodera-se, para fugir da realidade. Catherine nega a todo instante que suas ações tenham sido equivocadas e que por causa destas (ações) sua vida não sucedera como houvera planejado. Outro mecanismo delineado é a repressão. Este mecanismo é extremamente axiomático na obra, pois nos mostra a resistência da personagem em admitir – e não admite – que jamais será feliz com suas errôneas escolhas, e dessa forma, reprime todo e qualquer sentimento ou objeção de que será infeliz. Isto é, dispor desses mecanismos dá-lhe uma sensação de falsa felicidade. A personagem trai a si mesma, conduzindo-se a uma desordem interna, causando frustração e sofrimento tanto para si quanto para outros que fazem parte de sua vida.

Verificamos assim que, obras literárias, podemos vislumbrar mais do que o texto nos mostra e compreender de melhor forma, através da psicanálise, o que as personagens – ou o eu-lírico - têm a nos dizer sem que nos exponham em meticulosas palavras, mantendo, assim, suas essências.

Para versarmos acerca desses distintos cenários, despertamos para a poesia Augustiana, a qual é descrita de maneira ordinária, contudo, nos traz elementos narrativos e psíquicos que se entrelaçam ao longo de todo o texto. Para corroborar com essa análise, faremos um recorte em torno da melancolia, em que a ciência e a arte nos mostrarão suas correlações através dos desnudes literários, mormente ao que concerne à morte.

A melancolia, por sua vez, é um estado psíquico em que o indivíduo perde o ânimo pela vida. Sigmund Freud procurou compreendê-la a partir de uma aproximação com o luto, caracterizando-a como um mal decorrente de uma perda ideal, que se nega ao luto, impondo-lhe, cruelmente, a presença. O psicanalista a considerou como uma “organização psíquica primária”, estendendo-se, pois, a uma “neurose narcísica” que destaca o conflito entre o ego e o superego. Mediante a esses estudos, muitos autores se debruçaram sobre o tema, estendendo-se a contemporaneidade. A esse exemplo, salientamos Pierre Fédida, Donald Winnicott e, fundamentalmente, Marie-Claude Lambotte, que apresenta significativas contribuições acerca do assunto proposto em “O discurso melancólico”(1997). Embora apoie-se no arcabouço freudiano em relação as neuroses narcísicas para categorizar

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

a melancolia, a autora toma como distante a ideia de um construto melancólico em torno das neuroses de transferência e ainda, da psicose. A sua abordagem em torno da melancolia se dá por meio da maneira pela qual esse sujeito se expressa, assim como, seus sintomas. Sendo assim, discorre acerca de três temas centrais, os quais dividem igualmente os capítulos de seu livro: A inibição, a problemática especular e o negativismo.

A primeira etapa de sua pesquisa apresenta rudimentos energéticos do melancólico, ela mostra que a partir do mecanismo de inibição e da “imagem do buraco” há um desmembramento do espírito e do corpo. Reporta também, uma “falha de representação” no sujeito, ocasionando uma exacerbada idealização do outro.

Em “Luto e Melancolia” (1917), Freud compreende o luto a partir de uma reação a perda de um objeto amado. Entretanto, o enlutado tem conhecimento, de forma conscientemente, a respeito desta ausência. Na melancolia, a perda se faz em caráter mais ideal, o sujeito sabe que perdeu, quem perdeu, mas não o que se perdeu de si, no outro. Ou seja, a perda para este segundo é completamente inconsciente, portanto, resultará em um trabalho interno, o qual será responsável pela inibição melancólica. No luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego.

A segunda parte da pesquisa de Marie-Claude parte da premissa de suas observações clínicas ao que concerne à autodepreciação desses sujeitos, conduzindo ao que ela chama de “problemática especular”, categorizando à formação das instâncias ideais do eu e evidenciando a figura da moldura vazia. Com aporte no estágio do espelho de Lacan, Lambotte salienta a díade presente na identificação construída no melancólico, que corresponde, por sua vez, ao ideal do eu (por meio do rosto da mãe) e ao eu ideal (o reflexo com o espelho). A autora ressalta que somente através do olhar do outro que a criança pode se perceber. Na infância, esse “outro” é a figura da mãe, quando este olhar ultrapassa o do infante sem a contemplar, este toma como efeito estar preso por uma moldura vazia, considerando um ideal do eu inalcançável. Em conformidade com a autora:

Nada vem delimitar o espaço do sujeito melancólico, nada vem colorir o reflexo especular com as cores da afetividade; e este nada ao qual o sujeito diz parecer-se se apresenta ao nada do aniquilamento, o das pulsões de morte que, desprovidas de toda ligação libidinal erótica, dão livre curso a sua expansão (Lambotte, 1997, p. 200).

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

Este esvaziamento do olhar, toma como consequência uma busca incessante por uma realidade inventada que só existe para o melancólico. Com a ausência dessa moldura, constrói, simbolicamente, uma borda interna. Lambotte ainda acredita que:

[...] a imagem do corpo se constrói na relação identificatória com o outro e na caução que este traz à experiência que a criança atravessa. Todo o tratamento dispensado pela mãe, tão freqüentemente evocado pelos pacientes, ao qual se acrescentam a vacilação da imagem de si, o apagamento dos limites corporais, a perda de espaço etc, testemunha, precisamente, os avatares da relação transitiva criança-mãe / criança-espelho, destacando por isso mesmo o componente eminentemente social e afetivo da imagem singular (Lambotte, 1997, p. 205).

A partir desse processo, se configura uma separação entre a imagem e a palavra: O mundo perde o interesse para esse sujeito. Logo, através de um processo narcísico, passa a depositar amor ao outro por meio de sua própria imagem, entretanto, ocorre um esvaziamento do desejo e de sentimentos.

O negativismo, tomando como terceira parte dos escritos de Lambotte, surge como uma maneira que o melancólico encontra para se defender. Na verdade, o sujeito não nega a realidade cognoscível, inteligível, oposto a isso, ele a reconhece ao outro. Porém, toma esta realidade como ineficaz para si mesmo ou para sua existência no mundo. Intitulado por “renegação de intenção” esse tipo de negativismo, ao recair sobre a relação do indivíduo com o mundo, não nega a presença de algo frutífero e sim que ele – o indivíduo melancólico – não possa transformá-la em algo, também, frutífero. Sobre isso, Lambotte diz que “sem negar a existência da coisa, nega entretanto que ela diga respeito do que quer que seja ao sujeito”. Diante disso, visando os escritos desenvolvidos de maneira abrangente pela autora, se faz oportuno versar sobre o poema “Sonho de um monista” de Augusto dos Anjos.

O poema faz parte de seu melancólico leque poético e a partir do título já podemos encontrar traços que contornam a melancolia que será desnudada por todo o poema. Ao evidenciar o monismo, que vem do grego monos, traduzido pelas palavras “sozinho, único”, compreendemos como uma teoria filosófica que defende a unidade da realidade em sua totalidade em contraponto com o dualismo existente

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

entre mente/espírito e corpo. E é a partir disso que o poema ganha seus moldes. Esmerando as palavras do eu-lírico:

Eu e o esqueleto esquálido de
Esquilo Viajávamos, com uma ânsia
sibarita, Por toda a pró-dinâmica
infinita,
Na inconsciência de um zoófito
tranqüilo (DOS ANJOS, 2002, p. 30).

O eu-lírico descreve o que poderia vir a ser uma viagem metafórica entre ele e o esquálido, aquele que aparenta descuidado, malicento, imundo, e a [sua] carcaça aos protótipos de Esquilo, reverenciando o pai da tragédia da dramaturgia. Em suas peças teatrais, a culpa surgia como elemento central aos homens e os ameaçava, a partir da consequência de seus atos, formulando seus destinos. E é essa tragicidade “Esquilista” que vemos descrita no poema.

O lirista viaja consigo, com esse *outro*, o outro lado dele mesmo, o interno morto, em busca de um prazer advindo de um desejo extinto, à ânsia da voluptuosidade que rememora os habitantes de Síbaris desfalece ao ir de encontro com esse impulso interno que controla a carne viva. E embora tente encontrar tudo que está perdido dentro de si, numa ideia de infinito pensares, permanece estático a um lugar aparentemente tranqüilo, mas que o comanda. Podemos observar o conflito existente entre o ego e o superego, referenciado por Freud e reiterado por Lambotte, quando revela que o superego reprime e domina o ego.

O Eu, passa a viver em torno de um vínculo que se caracteriza de forma estranha a si, isto é, um outro que usurpou a imagem de si mesmo, o qual não se refere ao Eu primário. A autora diz que esse sujeito não mais reconhece sua própria história como lhe pertencendo e a descreve atribuindo a um outro. Segundo Lambotte (1997):

Desvitalizar a palavra para servir a um cenário escrito já na origem, assim opera a imutável resposta melancólica, na qual o sujeito é apagado em benefício de uma colocação em cena impessoal e compulsiva, espécie de grade lógica de interpretação que parece disfarçar sua impotência de existir, se não mesmo de nascer (Lambotte, 1997, p. 116).

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

Ressalta ainda que esse é um elemento que o melancólico traz, habitualmente, em seu discurso. Um outro que o Eu habita e que configura uma estadia perpétua em seu próprio ser, como se observa na enunciação da poética. Assim, revela o lirista:

A verdade espantosa do Protilo.
Me aterrava, mas dentro da alma aflita
Via Deus - essa mônada esquisita -
Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bem dizia, com o esqueleto ao lado,
Na guturalidade do meu brado,
Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina,
A energia intracósmica divina
Que é o pai e é a mãe das outras energias!
(DOS ANJOS, 2002, p. 30)

A verdade espantosa do Protilo, ou seja, a hipótese da matéria-prima de todos os corpos, do surgimento de um universo original, age como influência que provoca medo e assombro na alma desse sujeito, como se essa - hipótese - da existência de um mundo originário o engolissem. O Eu-lírico fica preso na incapacidade de configurar a si mesmo no tempo e no espaço. Pois, como aponta Lambotte, o melancólico ignora sua história no tempo e no espaço. Sendo um sujeito indeterminado, seu único construto é com o vazio, e este, por sua vez, o define. Conforme cita a autora:

E não é isso, ainda, reencontrar o discurso melancólico no sentido em que, privado de suas referências identificatórias e lançado fora de si mesmo, o sujeito só faria repetir indefinidamente a "incompreensibilidade" de sua vinda ao mundo, em um sistema de pensamento de que ele mesmo se deixou despossuir? (Lambotte, 1997, p. 144)

Esse indivíduo compreende que tudo é nada, visto que na melancolia o bom e o ruim estão nivelados como fundamentos de mesmo valor. Deus, "essa mônada esquisita", irrompe-se como representante desses elementos eternos, indivisíveis e materiais, traduzido em uma realidade física ou anímica, como um atributo de salvação utópica. Contudo, o sujeito desvanecia em si mesmo.

Como reflete a Marie-Claude, esse melancólico se encontra no interstício do dizer e do negar-se, não possuindo uma identidade, é como um resto do que poderia ter sido. Logo, por saber não existir um eu-ideal e se, de toda forma, nem o poder

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

divino seria capaz de salvá-lo no que concerne à prosperação da vida, mesmo na gaturalidade, naufragada de seu brado para adquirir uma identificação. Sendo assim, o lirisita aproximava-se da morte, estando “alheio ao cálculo dos dias”, intitulado-se um ser pagão no altar de Proserpina.

Filha de Ceres e Júpiter, Prosepina, uma das mais formosas deusas do olimpo, fora raptada por Plutão no momento em que colhia flores. Levando a deusa para baixo da terra, lugar que pertencia, fê-la sua esposa. Ceres, deusa da agricultura, desesperada pelo desaparecimento da sua filha, destruiu a terra e as colheitas, caindo numa fúria intensa. Inconformada com o desaparecimento da filha, ordena que seu marido, Júpiter, a retire dos braços de Plutão, contudo, a bela deusa já havia provado do fruto proibido, fazendo com que sua permanência no reino das trevas fosse concretizada. Ainda insatisfeita, Ceres ordena que Júpiter faça um acordo com o marido de sua filha.

Com o acordo conquistado, a deusa transita entre a terra e o inferno, dividindo o centro anual. A partir desse momento, encontramos Proserpina tanto no âmbito dos mortos, como no dos vivos. Assim situamos o Eu-lírico, um ser pagão, dividido entre um mundo mortífero com “seu outro” as vestes do esqueleto e entre o mundo dos vivos, com a alma aflita pela compreensão de suas origens, que o persegue continuamente.

A referência a Proserpina, vem reiterar a presença da morte e do esvaziamento que circunda seu ser, livre de toda experiência afetiva. Sendo assim, apoiado na dualidade entre ‘dois mundos’, e, tal qual, ancorado no ser pagão, para reportar suas queixas de um vazio veemente. Pois, ainda de acordo com Lambotte, na melancolia, o indivíduo não faz distinção entre passado e presente, sendo improfícuo pensar no futuro. Como a bela deusa, o eu-lírico encontra-se nessa transição, “borrando” o passado e o presente, isto é, sem estabilizar-se.

3. CONCLUSÃO

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, poeta brasileiro, fora considerado simbolista ou parnasiano, por alguns críticos, por outros, pré-modernista. Contudo, dos Anjos, irrevogavelmente, foi um dos poetas que mais destacou-se no âmbito crítico do idealismo voltado para o próprio Eu, de seu tempo. Sua dialética poética e visão de mundo adivinha de contato direto com muitos escritores e pensadores, a

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

exemplo de Arthur Schopenhauer, que ganhou a admiração do poeta com seus escritos em que acreditava que as respostas para o mundo, estaria no aniquilamento da vontade própria do ser humano.

Assim sendo, a ilusão particular do desejar (como o lirista, que deseja uma identificação com o mundo, infrutiferamente, visto que se identifica com o nada) passa a ser indiciada como um engano, uma “possibilidade imaginária dissolvida no tempo”, caracterizando a “descrença no futuro”. A ausência de afeição e sensibilidade no discurso analisado, nos possibilita concluir que as palavras proferidas pelo eu-lírico nos expressa sensações de anulação, aniquilamento e fundamentalmente, vazio, desviando o indivíduo da anunciação.

O discurso melancólico em “Sonho de um monista” recorre a uma existência do nada e adentra ao simbólico descrito pela sentença “eu não sou nada”, caracterizando a construção poética do sujeito. A representação fúnebre no poema é característica fundamental da angústia Augustiana, já que vislumbra durante toda as estrofes a intimidade com as tenacidades mortíferas. Não se pode negar, essencialmente, que a constituição do sujeito, na melancolia, se encontra, justamente, no vazio, sendo esse elemento essencial para mantê-lo um sobrevivente na terra.

Embora a autodestruição seja a lauda que se entrega aos desenhos das composições existenciais desses indivíduos, não é de pura significância o seu princípio regente, ou seja, os impulsos agressivos também são estímulos ao teor criativo, fértil, inovador e imaginativo. O alívio das tensões externas só é encontrado quando o sujeito as enfraquecem, consegue lucrar, intensamente, com a regeneração do remanso desvanecedor.

Destarte, a morte não se caracteriza como adversária, impugnante e competitiva, oposto a isso, torna-se, via de regra, acolhedora e condiscípula, em que o indivíduo encontrará a tão perpetuada paz utópica que os *não melancólicos* insistem em buscar. Querer alcançar o retorno ao estado inorgânico, isto é, a desamarra libidinal dos próprios objetos, é a tentativa, incansável, de recuperar a calma da morte, a inércia, a taciturnidade. É isso que o Eu-lírico busca em todo o poema, encontrar respostas para suas inquietações que o seguem durante todo seu percurso de vida.

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com

Referências

ANJOS. Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM, Coleção L&PM Pocket, 2002, v.148.

BELLEMIN-NOËL. Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem do Romance**. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 51-80.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1917-1989. p. 271-294.

_____. (1914-1916). **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras.

_____. (1925). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX

_____. (1924-1989) Neurose e Psicose. **O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, v. 2. Rio de Janeiro: Imago.

LAMBOTTE. Maria-Claude. **O discurso melancólico – da fenomenologia à metapsicologia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud

NASIO. J.-D. **O prazer de ler Freud**. Tradução de Lucy Magalhães; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1999.

PATRASSO, Rachel. GRANT, Walkiria Helena. **O feminino, a literatura e a sexualidade**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200010> Acesso em: 13/08/2018

SOUZA, P. **As palavras de Freud**. São Paulo: Ática, 1999.

Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: Rayssa@live.com.au

² Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Mestrado, E-mail: iviblackcat3@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Estudante de Graduação, E-mail: lucasleiteborba@hotmail.com